

# METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO SOCIO LÓGICA



PROBLEMAS E SOLUÇÕES  
A PARTIR DE ESTUDOS  
EMPÍRICOS

Coordenação  
Manuel Lisboa

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO I</b>	11
Metodologias de investigação e construção do campo da Sociologia	
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO II</b>	43
As metodologias de investigação no estudo das desigualdades sociais: conhecimento científico, políticas públicas e cidadania	
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO III</b>	63
Inquéritos sociológicos e construção do campo de observação	
1. AMOSTRAS	67
Construção de amostras estatisticamente representativas	69
<i>Manuel Lisboa</i>	
Amostra por cachos: o caso do inquérito sobre Saúde e Violência Contra as Mulheres, em 2003	76
<i>Manuel Lisboa e Fátima Miguens</i>	
Amostras emparelhadas: o caso do inquérito sobre o Trabalho Infantil em Portugal, a alunos PIEF e do Ensino Regular, em 2007	85
<i>Manuel Lisboa, Fátima Miguens e Joana Malta</i>	
Amostras para observar fenómenos sociais de difícil acesso: o caso do estudo da mutilação genital feminina em Portugal, de 2015.	90
<i>Manuel Lisboa, Rosário Oliveira Martins e Ana Lúcia Teixeira</i>	
2. QUESTIONÁRIOS	95
Questionários para inquéritos sociológicos	97
<i>Manuel Lisboa</i>	
<b>CAPÍTULO IV</b>	117
Trabalho de campo e recolha de dados	

Administração indirecta em inquéritos sociológicos: o caso do inquérito sobre a violência e género aplicado nos Açores, em 2008 <i>Manuel Lisboa e Dalila Cerejo</i>	121
Os dados administrativos e a recolha de informação a partir de processos em papel: o caso da violência contra as mulheres detectada nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e Porto, em 2000 <i>Manuel Lisboa, Zélia Barroso e Joana Marteleira</i>	127
Futuros passados, futuro ausente ou um terraço para outra coisa ainda? Um ensaio sobre usos da memória, teoria e métodos <i>Paula Godinho</i>	131
<b>CAPÍTULO V</b> Tratamento e análise dos dados	163
Análise dos dados de inquéritos sociológicos: estatísticas univariada, bivariada e multivariada <i>Ana Lúcia Teixeira</i>	167
O tempo e as sazonalidades na investigação sociológica: construção e análise de séries temporais em estudos sociológicos sobre a criminalidade participada à Polícia Judiciária (1984-1993) <i>Manuel Lisboa, Nelson Lourenço</i>	243
Análise de Conteúdo: um caso de aplicação ao estudo dos valores e representações sociais <i>Ana Roque Dantas</i>	261
Metodologia de detecção de <i>Indicadores de Expressão Emocional no contexto da violência conjugal</i> <i>Dalila Cerejo</i>	287
Custos económicos com a saúde resultantes da violência doméstica contra mulheres, em Portugal <i>Pedro Pita Barros, Manuel Lisboa, Dalila Cerejo e Eliana Barrenho</i>	313
<b>CAPÍTULO VI</b> Desafios futuros na investigação sociológica: a análise sistémica da complexidade.	347
Para uma análise intersistémica da violência de género <i>Manuel Lisboa</i>	349
<b>ANEXOS</b> (em suporte digital – CD)	

## **AMOSTRAS EMPARELHADAS: O CASO DO INQUÉRITO SOBRE O TRABALHO INFANTIL EM PORTUGAL, A ALUNOS PIEF E DO ENSINO REGULAR, EM 2007**

Manuel Lisboa, Fátima Miguens e Joana Malta<sup>7</sup>

As amostras emparelhadas têm uma utilização pouco frequente na investigação sociológica. Todavia, as possibilidades de comparação que permitem são mais amplas do que as dos grupos de controlo. Quando o objectivo consiste em fazer uma comparação sistemática de múltiplas variáveis, no sentido de definir perfis socioculturais de duas populações que pretendemos comparar, então a sua utilização é de uma grande valia.

Este é o caso do estudo sobre o trabalho infantil, em que pretendia-se compreender as características dos perfis socioculturais dos alunos que frequentavam o PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação) e, nas mesmas escolas, os do Ensino Regular. Em seguida, descrever-se-ão os fundamentos do estudo e os principais passos seguidos na construção da amostra emparelhada daqueles alunos.

No estudo, realizado em 2007, sobre as actividades desenvolvidas por crianças e jovens no âmbito do trabalho infantil, que abrangeu todo o Continente, considerou-se a escola como o local estratégico para a observação do fenómeno, já que passam por lá praticamente todos os jovens, mesmo os que abandonam o sistema de ensino. O principal objectivo desta investigação consistiu na análise das situações de trabalho infantil já sinalizadas pelo

---

<sup>7</sup> Este projecto teve a coordenação científica e metodológica de Manuel Lisboa. Os cálculos estatísticos para a construção da amostra emparelhada foram da responsabilidade de Fátima Miguens. O trabalho de campo teve a coordenação de Joana Malta e contou com a colaboração de Dalila Cerejo. O resultado do estudo está publicado em livro, *Infância Interrompida*, nas Edições Colibri, de 2009, e conta com vários autores (Manuel Lisboa, Manuel sarmento, David Justino, Maria João Valente Rosa, Joana Malta, Maria João Leote de Carvalho, Alexandra Leandro, Pedro Pinho, Eugénia Graça e Elizabete Fonte).

PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Pretendeu-se produzir um conhecimento rigoroso e quantitativo do trabalho infantil, nas suas diferentes formas, níveis de ilicitude e espaços de ocorrência, de forma a compreender as dinâmicas e processos sociais que lhes estão subjacentes, bem como identificar factores, a nível económico, social e/ou cultural que contribuam para a sua produção e reprodução, incluindo as formas emergentes. No sistema de ensino, deu-se uma particular atenção ao percurso escolar e à construção das trajectórias profissionais e de vida de jovens que tenham estado em situação de trabalho infantil, nomeadamente as sinalizadas no regresso destes à escola, através do programa PIEF.

Um dos pilares da estratégia de investigação seguida no estudo consistiu na elaboração de um inquérito sociológico a todos os alunos do PIEF, sinalizados nas escolas do país onde funcionava este programa. Todavia, e de modo a melhor compreender os factores socioculturais que caracterizam o fenómeno e contribuem para sua produção e reprodução, optou-se por fazer uma análise comparativa com os alunos do Ensino Regular que frequentavam as mesmas escolas. Nesse sentido, foram construídas duas amostras, cuja constituição passamos a descrever em seguida.

Tendo-se privilegiado os alunos PIEF como o espaço social de referência para o estudo do trabalho infantil potencial ou efectivo, optou-se por inquirir todos os alunos das escolas onde decorriam os programas PIEF existentes em 2006, no Continente. Deste modo, à partida, e para estes alunos, não foi construída uma amostra, mas considerou-se todo o universo de alunos PIEF, de acordo com a listagem fornecida pelo PETI. Faziam parte deste universo 107 escolas e 1740 alunos, o número de alunos inscritos em turmas de PIEF em Dezembro de 2006. De facto, estes alunos abrangem as situações de abandono escolar, indiciado ou efectivo, ou situações de trabalho infantil, também indiciado ou efectivo. O objectivo consistia na análise das dinâmicas e dos processos sociais produtores do trabalho infantil. Além da aplicação de questionários àqueles alunos dos PIEF, decidiu-se também inquirir os alunos do Ensino Regular. Para isso, recorreu-se à construção de uma amostra emparelhada.

A necessidade de construção de uma amostra emparelhada resultou da constatação de que, para retirar conclusões sustentadas acerca dos alunos inseridos nos programas PIEF, teríamos de ter

um grupo de comparação, homogéneo e com características homologas. Assim, a construção da amostra obedeceu a três critérios fundamentais: a frequência do mesmo estabelecimento de ensino, o sexo e a idade. A recolha das listas PIEF serviu de base à definição da amostra destes alunos. Através da construção de uma base de dados, na qual constavam as três variáveis acima referidas (escola a que pertence o PIEF; o sexo; e a data de nascimento), agregaram-se as idades à data de inscrição no ano lectivo de 2006/2007 (15 de Setembro de 2006), segundo escalões etários correspondentes aos ciclos escolares. Obtiveram-se, assim, três escalões: menores de 12 anos, que corresponde à idade de frequência do 2.º ciclo; entre 13 e 15 anos, correspondente à idade de frequência do 3.º ciclo; e entre 16 e 17 anos, ou seja, a idade de frequência do ensino secundário (excluíram-se os alunos com 18 e mais anos já que, a partir desta idade, deixam de poder ser considerados como casos de trabalho infantil, potencial ou efectivo). A metodologia de emparelhamento foi aplicada apenas nos casos em que os programas PIEF decorriam, pelo menos parcialmente, no espaço da escola. Há ainda a referir que, no que diz respeito ao emparelhamento etário, a selecção dos alunos do Ensino Regular partiu do pressuposto de que estes nunca ficaram retidos, *i.e.*, os alunos foram seleccionados exclusivamente pela frequência do ciclo de ensino, independentemente de terem ou não as idades correspondentes, pelo que não se tiveram em conta possíveis retenções nos seus percursos escolares.

Para a selecção dos alunos do Ensino Regular a inquirir, pediu-se às escolas as listas dos alunos inscritos, discriminadas por ano escolar, turma e sexo. Fez-se uma selecção aleatória dos alunos a inquirir, através de um método de lotaria (controlando as variáveis ciclo escolar e sexo). Este método foi aplicado às listas dos alunos de cada escola. Sempre que não tivemos acesso às listas dos alunos numa determinada escola, fez-se uma estimativa do número de turmas, através dos dados recolhidos *on-line* na página do Ministério da Educação<sup>8</sup> relativos ao número de alunos inscritos em cada escola, partindo da dimensão máxima da turma para cada ciclo escolar instituída pelo Ministério da Educação<sup>9</sup>. Em

8 <http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http%3A//www.giase.min-edu.pt/>

9 As turmas do 5.º ao 12.º ano não devem ter menos de 24 alunos nem mais de 28, com a excepção de turmas com alunos com necessidades especiais (nestes casos

todos os casos, procurou-se que a selecção aleatória pudesse ser executada em tempo útil, para que os inquiridores tivessem acesso a essa informação antes de se deslocarem às escolas. Se tal não era possível, e o acesso às listas dos alunos inscritos no Ensino Regular apenas se concretizava quando o inquiridor chegava à escola, a selecção dos alunos era feita *in loco*. Nestes casos, a metodologia de selecção a aplicar na escola era enviada ao inquiridor, que faria a lista dos alunos, recorrendo à ajuda das investigadoras coordenadoras do trabalho de campo.

Na construção da amostra, foi igualmente necessário ter em consideração a forma como se iria fazer a selecção das crianças a inquirir, quando no terreno. Sempre que um aluno não podia ou não aceitava responder ao questionário, estabeleceu-se que se passaria para o aluno seguinte na lista de alunos, com a condição de pertencer ao mesmo ciclo escolar e ter o mesmo sexo. Esta metodologia de substituição repetiu-se relativamente às turmas, sempre que uma turma não estava na escola no momento da administração do questionário, ou os alunos não estavam disponíveis para responder ao inquérito: retiravam-se os alunos da turma seguinte, desde que fosse uma turma do mesmo ciclo de escolaridade. Nos casos em que a turma seguinte era já uma turma de outro ciclo, reiniciava-se a contagem das turmas.

Em anexo (Anexo 3.6), apresentam-se exemplos de fichas de três escolas (Norte, Centro e Sul do país), que foram usadas para a selecção dos alunos do Ensino Regular, e que passaram a fazer parte da amostra emparelhada. Esta operação repetiu-se nas 107 escolas PIEF do continente.

Em este estudo, as condicionantes decorrentes da especificidade do tema e dos dados disponíveis obrigaram a que a construção da amostra só acabasse por ficar finalizada no fim do trabalho de campo. Daí que, para o emparelhamento da amostra, tivesse sido fundamental a definição clara e rigorosa dos critérios a seguir desde o início.

---

não devem exceder os 20 alunos), turmas de cursos profissionais (que devem ter entre 18 e 23 alunos) e turmas dos Cursos de Educação e Formação (devem ter entre 10 e 20 alunos). Despacho n.º 14026/07. «D. R. 2ª série», nº 126, 3 de Julho 2007, 18807 (<http://www.dgicd.min-edu.pt/fichdown/Despacho%2014026-07.pdf>). Consultada em Outubro de 2007).

## Bibliografia

LISBOA, Manuel (coord.); Sarmiento, Manuel; Justino, David *et al.* (2009), *Infância interrompida — Caracterização das Actividades Desenvolvidas pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: Colibri.



Esta obra aborda questões metodológicas e epistemológicas cruciais para o desenvolvimento da investigação sociológica actual. Ela traduz um momento de síntese do conhecimento sobre as metodologias no campo da Sociologia e faz uma meta-reflexão a partir dos problemas e soluções encontradas em mais de duas dezenas de investigações empíricas. Inclui estudos com diferentes âmbitos geográficos (nacional, regional e local), centrados na actualidade ou recuando no tempo sempre que necessário, com abordagens metodológicas variadas (qualitativas, quantitativas e mistas) e que recorrem a escalas de observação distintas (macro, meso e micro). Este livro de metodologia não pretende substituir os manuais já existentes, não repetindo as questões aí abordadas. Ele deve ser entendido como um instrumento metodológico complementar, com questões e temáticas que resultam da experiência de pesquisa, na área das Ciências Sociais, de uma ampla e pluridisciplinar equipa de investigação, ao longo dos últimos 25 anos. Ele percorre as principais fases e momentos da pesquisa, esperando-se que constitua um instrumento útil para estudantes, investigadores e investigadoras.